

Bresser: troca da dívida por títulos é voluntária

Telefoto de Sérgio Marques

BRASÍLIA — Por considerar que deve privilegiar as condições de mercado, o Governo brasileiro alterou sua proposta de renegociação da dívida externa e tornou voluntária a troca de parte dessa dívida por títulos com deságio pelos bancos credores. Inclusive, já esboçou uma forma de atrair as instituições para essa sistemática: quem optar pelos títulos terá prioridade na conversão da dívida em investimentos no Brasil.

Essa é a proposta básica que será apresentada aos bancos credores, no próximo dia 25, em Nova York, e que descarta a possibilidade de pagamento simbólico de parte da dívida, como informou, ontem, o Ministro da Fazenda, Bresser Pereira. Ele esclareceu ainda que o Governo não utilizará a suspensão da moratória como “mera estratégia de negociação”, porque isso somente acontecerá após um acordo com os bancos e quando o Brasil tiver recuperado sua capacidade de pagamento.

Embora reconheça que, no momento, é necessário uma ampla discussão com os políticos e a sociedade sobre as formas de renegociação da dívida externa, Bresser Pereira foi bastante claro quando revelou que “apenas os princípios gerais da proposta serão discutidos com o PMDB”, já que a divulgação antecipada apenas prejudica as negociações.

Ninguém estava gostando muito que se impusesse uma obrigação aos bancos de aceitarem os títulos — reconheceu o Ministro, para explicar porque houve uma “pequena mudança” na proposta inicial de se transformar em títulos cerca de 50% do montante da dívida. Esclareceu, porém, que a troca da dívida por títulos “é um ponto prioritário na re-



Segundo Bresser, quem aceitar o esquema terá prioridade na conversão

negociação da dívida externa e bastante diferente do que aconteceu com a Argentina, que lançou **exit bonds** (bonus de saída) para não dar certo”.

Os títulos brasileiros, garantiu, terão atratividade, competitividade e atrairão os investidores, porque na medida em que a economia brasileira tiver um bom desempenho os títulos poderão render mais. “O Brasil não paga mais porque não tem condições efetivas de pagamento, através de renegociação convencional”, explicou Bresser.

Segundo ele, nos contatos recentes mantidos nos Estados Unidos e Europa ficou claro que “existe uma perfeita condição para se viabilizar a proposta através do mercado”, bem como de que é viável a obtenção de descontos, permitindo ao Governo brasileiro uma solução, “criativa e inteligente”, de longo prazo, para a

dívida externa brasileira. “A atual situação — argumentou — é péssima para os credores e para o Brasil”.

Insistindo muito em que o Governo brasileiro tem de caminhar para uma proposta “criativa e inteligente”, que fuja dos padrões tradicionais, citou o caso da Argentina que optou por uma renegociação convencional, que se traduziu em crise política”. Este é um exemplo de que se tem de buscar uma saída diferente para a renegociação da dívida externa”.

O Ministro não quis detalhar a proposta brasileira, e adiantou que dificilmente na reunião do próximo dia 25, em Nova York, já se tenha definido de que forma se fará conversão da dívida em investimentos no País, mesmo porque, embora este seja um dos itens da renegociação os seus detalhes não serão discutidos com os banqueiros.